



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 21 - EDIÇÃO ESPECIAL DO 1º DE MAIO DE 2010

Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR) ao 1º de Maio

A crise mundial permanece. Preparar-se para o pior

Em maio do ano passado, a classe operária e os demais explorados ainda sentiam os tremores da crise mundial que atingiu o Brasil. No final de 2008, os capitalistas brasileiros prontamente passaram a demitir em massa e impor a redução de salários. Ainda no começo de 2009, repercutiam a desaceleração econômica e as ameaças de nova onda de fechamento de postos de trabalho.

O governo Lula cedeu às pressões das multinacionais, de setores da burguesia nacional e dos banqueiros, concedendo-lhes gigantescas isenções, facilidades e vantagens. Curvou-se perante as decisões patronais de demitir antes mesmo que a crise se agravasse.

A CUT, demais Centrais e sindicatos, salvo raras exceções, não responderam à altura dos acontecimentos. A Força Sindical não procurou esconder em nada sua colaboração com os capitalistas, negociando abertamente a redução salarial. O fato é que, nos grandes centros urbanos, os capitalistas demitiram sem que houvesse a resistência da classe operária. Não havia uma central, não havia sindicatos para convocar as massas a se unificarem em um único movimento contra as demissões e pelo fim do desemprego. Infestadas pela burocracia sindical, as organizações operárias se mostraram fragmentadas, castradas e impotentes. Em sua esmagadora maioria, seguiram as respostas do governo Lula de proteger o grande capital.

Os assalariados foram pegos de surpresa pela crise mundial que explodiu nos Estados Unidos. Não puderam sequer manifestar o instinto de revolta contra os ataques patronais aos empregos e salários. Não contaram com uma direção nos sindicatos para convocar e organizar imediatamente o combate. Faltou um partido revolucionário dirigente das massas para levantar os explorados por meio do programa proletário. O capitalismo se contorcia em crise, avançava violentamente contra os trabalhadores e lhes faltavam os sindicatos, a Central e o partido. De uma hora para outra, a anarquia tomou conta da produção e a classe operária não pôde assumir os problemas com suas mãos. Eis a crise de direção!

Pois bem, a crise foi contornada no Brasil, em meados do ano passado. O governo voltou com a propaganda de “geração de emprego”. Os números positivos deram brilho internacional ao Brasil, ao lado da China e Índia. Assim, neste 1º de Maio, tudo parece estar em perfeito estado e harmonia. A crise é cantada como fato do passado. É como se a miséria e

o desemprego de milhões também tivessem desaparecido. A retomada econômica vem sendo saudada como se a catástrofe social tivesse sido definitivamente afastada. A burocracia sindical trabalha para que a classe operária esqueça o susto das demissões.

Agora, chegou a hora das eleições presidenciais. Com discursos demagógicos, os políticos da burguesia se preparam para arregimentar os explorados. Não há crise, portanto, Dilma e Serra poderão falar o que quiserem. Dirão que o futuro será melhor. No entanto, quanto mais arrastarem os pobres e miseráveis para elegerem um novo governo burguês, mais os tornarão desesperançados e desarmados para a luta. Seja Dilma, seja Serra, o Presidente terá pela frente o horizonte da crise. Passaram os ventos favoráveis que embalarão o PT/Lula. Seja Dilma, seja Serra, o Presidente governará mais pela direita e mais ainda contra as massas. Lula pôde enganar com o assistencialismo. Seja Dilma, seja Serra, o Presidente descarregará sobre as massas a bancarrota do capitalismo.

Alertamos os trabalhadores e a juventude oprimida - a crise mundial não foi banida. As potências continuam mergulhadas no excesso de produção e em montanhas de capital financeiro parasitário. O desemprego mantém sua marcha na Europa. A maioria dos Estados assumiu dívidas gigantescas. China, Índia, Brasil e outros países atrasados não sustentarão por muito tempo o crescimento econômico à margem da recessão mundial. É impensável que países europeus afundem, como a Grécia, Espanha etc., que o Japão permaneça estagnado e que os Estados Unidos caminhem a passos de tartaruga, e o Brasil continue a nadar alegremente na contracorrente da recessão. Logo mais à frente, as vantagens que as multinacionais estão obtendo e as facilidades com que o capital especulativo internacional conta para lucrar pesarão sobre a economia brasileira.

A classe operária tem de se preparar desde já para um novo ciclo da crise, apoiando-se no programa que una as reivindicações mais elementares com a estratégia de combate pelo poder do Estado. Essa é a exigência da situação objetiva de desintegração mundial do capitalismo, de retrocesso das condições de vida das massas e de aumento da opressão imperialista. Essa é a exigência das condições objetivas do Brasil que cederá às tendências desintegradoras do capitalismo, que aumentará a concentração monopolista no seio da economia atrasada, que carreará mais riqueza para as potências e que sacrificará ainda

mais a vida das massas.

As condições subjetivas, ou seja políticas e organizativas, da classe operária estão em flagrante atraso, com seus sindicatos controlados pela burocracia pró-capitalista e com o desenvolvimento embrionário do partido revolucionário. Foi o que constatamos na eclosão da crise. É o que constatamos diante da possibilidade de seu retorno mais destrutivo. Há que enfrentar a contradição entre a situação objetiva e a subjetiva, desenvolvendo o programa no seio das massas, combatendo as direções traidoras e construindo o Partido Operário Revolucionário.

Estamos diante de uma tarefa não estritamente nacional, mas sim internacional. A crise de direção que se consolidou com a burocratização do Partido Comunista Russo e com a destruição da III Internacional por Josef Stálin, em 1943, se aprofundou mundialmente. A IV Internacional, criada, em 1938, pela Oposição de Esquerda Internacional, liderada por León Trotsky, não teve como romper o círculo de ferro da burocracia estalinista e da socialdemocracia. Mas cumpriu a tarefa essencial de edificar o Programa de Transição, a ser aplicado nas condições particulares de cada país. Em cada nova situação, em cada luta, é necessário levar à classe operária e à vanguarda a tarefa de superar a crise de direção com a bandeira do partido internacionalista. Um verdadeiro 1º de Maio tem o dever de colocar a tarefa de organização mundial da classe operária, sob o programa da revolução e ditadura proletárias.

A crise inevitavelmente potenciará as disputas comerciais - já vem jogando uma nação contra outra. E recrudescerá o intervencionismo imperialista. A ofensiva dos Estados Unidos contra o Irã prenuncia a intervenção militar. A burguesia imperialista propagandeia a paz, o controle dos programas nucleares e o desarmamento para acobertar as suas tendências bélicas. Não por acaso, da invasão do Iraque, o imperialismo passou para o Afeganistão e deste, pode passar para o Irã, ou para qualquer parte do mundo em que os interesses das potências estejam contrariados e suas ordens descumpridas.

Está em andamento o conflito dos Estados Unidos com a China, que por sua vez envolve o conjunto das potências. O capitalismo é internacional. O imperialismo necessita atuar por cima das fronteiras nacionais. A restauração capitalista na China não pode permanecer controlada pela burocracia chinesa. A exploração do mercado mundial deve ser o mais livre possível para as multinacionais e para o capital financeiro. As contradições alimentadas pela crise levam a burguesia imperialista a trilhar o caminho das guerras.

O Brasil não está imune aos confrontos geograficamente distantes. Vem sendo arrastado, como exemplifica a questão comercial com os Estados Unidos, a da energia nuclear e a da repressão ao Irã. As lutas de massa ganham terreno em várias partes do mundo. Mas a classe operária está ainda muito aquém de tomar a dianteira. No combate, se colocará a necessidade de reconstruir a IV Internacional, ou seja, o Partido Mundial da Revolução Socialista.

Por um 1º de Maio Internacionalista Reconstruir a IV Internacional Por em pé o Partido Operário Revolucionário

Em defesa da Emprego

Emprego a todos

O capitalismo não tem como assegurar emprego a todos. Mantém um exército de milhões de desempregados e subempregados. O desemprego é parte estrutural da economia baseada na exploração do trabalho. Uma das causas da miséria, da fome, da mortalidade infantil, da criminalidade e da indignidade está na impossibilidade do trabalhador não ter como vender sua força de trabalho para os capitalistas. Em situação de crescimento econômico, o exército de desempregados fica estagnado ou é reduzido, mas logo volta a crescer com as crises. Ocorre também a destruição maciça de postos de trabalho com o aperfeiçoamento dos meios de produção (maquinaria, ferramentas), o que provoca o aumento do desemprego. A tendência geral do capitalismo não é a de reduzir a taxa de desocupação, mas de aumentá-la. A burocracia sindical fecha os olhos para a leva de desocupados e, frente às demissões em massa, colabora com a patronal, fazendo acordos de flexibilização da jornada e dos salários. Essa política pró-capitalista tem de ser severamente combatida.

As bandeiras da classe operária são:

- **NÃO À FLEXIBILIZAÇÃO, EMPREGO A TODOS!**
- **ESCALA MÓVEL DAS HORAS DE TRABALHO!** (*divisão das horas nacionalmente trabalhadas entre todos aptos ao trabalho, sem redução salarial*)
- **ESTABILIDADE NO EMPREGO!** (*fim do direito patronal de demitir, direito dos trabalhadores de terem o emprego vitalício*)
- Como lutar pelo direito ao trabalho: **UNIR EMPREGADOS E DESEMPREGADOS EM DEFESA DA ESCALA MÓVEL DAS HORAS DE TRABALHO E DA ESTABILIDADE NO EMPREGO.**

Os limites da bandeira das 40 horas

A CUT e Força Sindical aguardam a votação do Congresso da Emenda Constitucional que passa de 44 para 40 horas semanais a jornada de trabalho. Faz anos que o projeto está na pauta do parlamento. A burocracia esperava que com o governo Lula a decisão andasse. Mas ainda está empacada, apesar das negociações. As Centrais que pleiteiam as 40 horas não levam a sério a reivindicação. Não organizaram e não organizam a luta nacional. Não utilizam a ação direta e a unidade operária para arrancar com greves e manifestações, a redução da jornada. A Força Sindical tem feito acordo em algumas fábricas de redução a conta-gota. Cerca de 30% da força de trabalho já fazem a jornada de 40 horas, o que se pretende é estendê-la para os outros 70%. Os capitalistas que mandam nos parlamenta-

a vida das massas

e salário

res não aceitam a redução sem que se reduzam os salários. Os operários e as operárias aspiram a redução, mesmo sabendo que 40 horas continuam pesadas. Mas não são chamados à luta nacional e unitária. A burocracia quer mostrar serviço para os assalariados com uma pequena redução da jornada. 40 horas não é uma medida para combater o desemprego. Os dois milhões de postos previstos logo serão suprimidos pela tecnologia e aumento do ritmo de trabalho. A bandeira de emprego a todos e de união de empregados e desempregados é ESCALA MÓVEL DAS HORAS DE TRABALHO.

Salário que permita a família operária sair da pobreza e miséria

A superexploração e a miséria têm raízes no salário-mínimo. Mais de trinta milhões entre empregados e aposentados recebem 1 salário mínimo. Milhares sobrevivem com menos de 1 salário mínimo. Essa é face frontal do capitalismo no Brasil. É dela que nascem os programas assistencialistas, como o Bolsa Família, que ajuda a perpetuar a exploração e pobreza em grande escala. O salário mínimo funciona como um piso na economia, sobre o qual se eleva o edifício salarial do país. O governo Lula tem aumentado com pequenas gotas o salário-mínimo, partindo do patamar mais baixo atingido no governo de FHC. Os “aumentos” reformistas não fazem senão iludir as massas empobrecidas que não vêem como lutar para sair da miséria. Os sindicatos e Centrais não fazem a defesa do salário mínimo vital. Não apresentam um cálculo verdadeiro de quanto uma família necessita para viver dignamente. E sequer acatam os cálculos de Dieese para organizar a luta nacional pelo salário mínimo vital. Os burocratas são bons para freqüentarem as comissões governamentais e *patronais para negociar quirelas, enquanto crescem as favelas e toda sorte de tragédia social. Trata-se não de prolongar a agonia dos pobres e miseráveis, mas de acabar com ela:*

- SALÁRIO MÍNIMO VITAL CALCULADO PELAS ASSEMBLEIAS
- ESCALA MÓVEL DE REAJUSTE DOS SALÁRIOS
- REPOSIÇÃO DAS PERDAS SALARIAIS
- AUMENTO SALARIAL
- FIM DO ABONO QUE SERVE PARA NÃO REAJUSTAR OS SALÁRIOS
- INCORPORAÇÃO DOS ABONOS NO SALÁRIO
- FIM DO PLR QUE SERVE PARA NÃO REAJUSTAR OS SALÁRIOS E PARA AUMENTAR O RITMO DE PRODUÇÃO ÀS CUSTAS DE MAIOR ESFORÇO
- INCORPORAÇÃO DO PLR NO SALÁRIO

Terra aos camponeses

Não haverá reforma agrária por meio de políticas governamentais. O Estado é burguês. Os latifundiários e agroindústria contam com apoio das demais frações do grande capital contra a entrega das terras às massas camponesas. O parlamento expressa os interesses particulares da fração capitalista agrária e os interesses gerais da grande propriedade dos meios de produção. O MST se potenciou manobrando com a política de assentamentos em terras devolutas, griladas e improdutivas, via de regra desapropriadas e indenizadas por somas altíssimas. Esse processo vem se estreitando e se esgotando, conforme avançam as relações agroindustriais de produção e extração. Lula frustrou as ilusões dos sem-terra em um “governo democrático e popular”. Demonstrou que nenhum governo burguês, por mais de esquerda que seja, contrariará os interesses particulares dos latifundiários e gerais da burguesia. A tendência é o Estado afiar suas armas de repressão ao movimento camponês. Não bastam os assassinatos no campo e a liberdade dos fazendeiros se armarem, o Estado de Direito burguês implica o uso da força jurídica e policial contra as organizações de massa que infringem o direito de propriedade. A criminalização do MST está em estágio adiantado. É necessário rever o programa, a linha política e a organização da luta camponesa. Está colocada a constituição da *aliança operário-camponesa e de uma frente de defesa das liberdades políticas e sindicais dos trabalhadores.*

- EXPROPRIAÇÃO SEM INDENIZAÇÃO DAS GRANDES PROPRIEDADES. NACIONALIZAÇÃO DAS TERRAS. ENTREGA AOS CAMPONESES POBRES. COLETIVIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.
- APOIO FINANCEIRO AOS PEQUENOS AGRICULTORES. GARANTIA DE COMERCIALIZAÇÃO PELO ESTADO. NENHUM CENTAVO PARA A AGROINDÚSTRIA. QUE OS GRANDES PROPRIETÁRIOS PAGUEM IMEDIATAMENTE A GIGANTESCA DÍVIDA. QUE SE APURE O MONTANTE DE SUBSÍDIO PARA QUE SE INCORPORE À DÍVIDA COM O TESOURO.
- FIM DA REPRESSÃO AO MOVIMENTO, DAS PRISÕES E ASSASSINATOS DE CAMPONESES. PUNIÇÃO AOS ASSASSINOS. APURAÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO DADA AOS LATIFUNDIÁRIOS PELOS GOVERNOS, PARLAMETARES E JUÍZES.
- FORMAÇÃO DOS COMITÊS AGRÁRIOS PARA ORGANIZAR A AUTODEFESA, LUTAR PELA TERRA, PROMOVER A COLETIVIZAÇÃO E CONCRETIZAR A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA.

Por uma única central sindical e por sindicatos independentes

O movimento operário sofreu retrocesso depois das greves que contestaram a ditadura militar, abriram caminho para expulsar os interventores e criaram a CUT. Os sindicatos foram estatizados pela política colaboracionista da nova burocracia e passaram a ser usados como instrumentos de implantação da flexibilização do trabalho planejada pelas multinacionais. Inúmeras centrais foram montadas a partir da velha estrutura das federações e confederações. A CUT, por sua vez, sofreu três cisões: Conlutas, Intersindical e CTB. Ganharam força as tendências centrífugas no movimento sindical. O que indica que o refluxo da classe operária foi e é profundo. As lutas generalizadas, ao contrário de favorecerem o divisionismo e a fragmentação, impulsionam a unidade organizativa. Com a depressão do movimento operário, a burocracia se elevou por cima dos explorados, livrou-se das pressões das bases e burocratizou as organizações de massa. A chegada do PT/Lula ao poder do Estado impulsionou a estatização e a eliminação da débil democracia operária que vinha se desenvolvendo. A

Combater a burguesia com o programa da revolução social

As candidaturas da frente ampla encabeçada pelo PT/PMDB e da frente montada pelo PSDB/DEM se lançaram para arrastar os explorados por trás da política burguesa. A burocracia sindical, em nome da diferença entre Dilma e Serra, convoca os explorados a manter o Estado capitalista, ou seja, o instrumento do exercício da ditadura de classe da minoria exploradora sobre a maioria explorada. A função primordial de qualquer governo eleito é de preservar a propriedade privada dos meios de produção, garantir a exploração do trabalho e favorecer a acumulação de capital. Nenhuma medida será tomada caso contrarie essa função histórica de dominação de classe. Os explorados seguem em sua maioria os partidos burgueses. Nas eleições, a independência de uma parcela das massas depende da existência de um poderoso partido revolucionário. Está aí por que Dilma e Serra empurrarão os oprimidos para as urnas. Desta vez sequer vingará a frente de esquerda oportunista de 2006. Oportunista porque não expressou um programa classista e socialista como se apregou. O PSOL está dividido em torno de Plínio. O PSTU não encontrou condições para novamente se adaptar. Caso o PSTU e PSOL venham a superar os obstáculos, a frente de esquerda reproduzirá o oportunismo. O POR é contra o oportunismo e o eleitoralismo, mas não em princípio contra constituir uma frente revolucionária das esquerdas que se reivindicam da luta de classe e do socialismo. *A solução está na convocação de uma plenária nacional das esquerdas para se aprovar um programa e as candidaturas.*

- PELA INDEPENDÊNCIA DOS EXPLORADOS
- LUTAR NAS ELEIÇÕES COM O PROGRAMA DA REVOLUÇÃO SOCIAL
- EM DEFESA DO MÉTODO DA AÇÃO DIRETA

política revolucionária, marxista, para os sindicatos é a da preservação da unidade organizativa dos explorados e de frente única na ação.

- POR UMA ÚNICA CENTRAL, CLASSISTA, DEMOCRÁTICA E DE COMBATE
- INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DOS SINDICATOS FRENTE À BURGUESIA E SUAS INSTITUIÇÕES. DEMOCRACIA OPERÁRIA BASEADA NAS ASSEMBLÉIAS: LIBERDADE DE EXPRESSÃO E ORGANIZAÇÃO DAS CORRENTES IDENTIFICADAS COM A CLASSE OPERÁRIA. ELEIÇÕES LIVRES E LIMPAS PARA A DIREÇÃO SINDICAL. REVOGABILIDADE DE MANDATO. PROPORCIONALIDADE NA FORMAÇÃO DA DIREÇÃO
- FIM DO DIVISIONISMO E DO APARELHISMO SINDICAL
- PELO MÉTODO DE LUTA SINDICAL BASEADO NA AÇÃO DIRETA

Internacionalismo proletário

A essência do internacionalismo está expressa no chamado do Manifesto do Partido Comunista: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNIVOS. Essa é a tarefa estratégica da situação. A unidade da classe operária mundial depende da reconstrução da IV Internacional. Operários e jovens oprimidos, organizemos o Partido Operário Revolucionário. Enfrentemos o capitalismo lutando pelo socialismo. A tarefa da classe operária, apoiada pelos demais explorados, é de conquistar o poder do Estado por meio da revolução, impor sua ditadura de classe à minoria burguesa, transformar a propriedade privada dos meios de produção e unir os povos em direção da sociedade sem classe – o comunismo. Também, como afirma o Manifesto de Marx e Engels, a revolução por sua forma é nacional e por seu conteúdo é internacional. Começa em um determinado país e deve avançar em outros. A restauração capitalista na ex-União Soviética, Leste Europeu e China é obra da burocracia nacionalista. O retrocesso é imenso. Mas as massas voltarão ao combate para se livrarem da barbárie. Retomarão as conquistas da propriedade coletiva e dos passos que foram dados contra a divisão da sociedade em classes sociais, a pobreza, a fome e a toda sorte de discriminação. Derrotemos o imperialismo, com toda sua máquina de opressão dos povos semicoloniais. Derrotemos as burguesias serviçais de nossos países atrasados.

- VIVA A REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
- RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskyista. Discuta nosso programa. CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - www.pormassas.org